

MIT

REVISTA



MARIA ESTHER BUENO
A rainha de Wimbledon

MARIA ESTHER BUENO, UMA TENISTA 4X4

Não é exagero dizer que você tem nas mãos uma edição histórica. Sim, porque Maria Esther Bueno, glória máxima do tênis brasileiro, é uma mulher *low profile*. Raramente dá entrevista, embora possa ser vista nas telas do canal Sportv como narradora e comentarista. Não se trata de pessoa reclusa – apenas escolhe a dedo com quem quer falar. Depois de muitos anos, resolveu conversar com a *MIT Revista*.

Para nós, é uma honra mostrar a trajetória dessa atleta que tem no currículo 589 títulos, 170 fora do Brasil, entre eles 19 Grand Slams, três em Wimbledon – o torneio mais importante do tênis mundial. Nenhum tenista nacional, ao que tudo indica, chegará perto dessa marca. Numa época em que patrocínio não existia, em que atletas jogavam até 20 horas num único dia, sem escolher piso, Maria Esther inscreveu seu nome na história do esporte. Aprendeu como poucos o significado da expressão “superação de obstáculos”.

Superação que também é o tema da reportagem sobre o Ironman – modalidade turbinada de triatlo que reúne 3,8 quilômetros de natação, 180 de ciclismo e 42,2 de corrida. Numa só etapa, diga-se. Um tema que você irá encontrar no lançamento do novo Mitsubishi Pajero Dakar 2015 – carro que oferece tecnologia e luxo no uso urbano e resistência 4x4 no fora-de-estrada. Confira a partir da página 78.

Confira também a espetacular viagem ao norte da Tailândia, a um campo de elefantes domesticados, narrada pelo estilo inconfundível de Joyce Pascowitch. E saiba como, depois de produzir 500 carros de corrida nos últimos 15 anos, o departamento de competições da Mitsubishi Motors do Brasil acaba de entrar para o seleto time mundial da Ralliart.

Não deixe de acompanhar ainda a cobertura completa das etapas dos ralis Mitsubishi MotorSports, Mitsubishi Outdoor e Mitsubishi Cup. E fique de olho nas novidades que movimentaram e irão movimentar até o fim do ano o Mitsubishi Drive Club e seu exclusivo autódromo Velo Città, em Mogi Guaçu – o lugar onde os sonhos de todos se realizam.

FERNANDO PAIVA
DIRETOR EDITORIAL



Mineiro de Belo Horizonte radicado há décadas em São Paulo, **Nirlando Beirão** é considerado um dos textos mais refinados do Brasil. Co-autor com o publicitário Washington Olivetto do clássico *Corinthians – É Preto no Branco* e de *Original – Histórias de um Bar Comum*, ele assina a coluna Estilo na revista *CartaCapital* e é comentarista da Rede Record. Numa manhã de abril em São Paulo, coube a ele realizar nossa reportagem de capa – um revelador bate-papo com a tenista Maria Esther Bueno.



Uma visita ao estúdio de **Marcio Scavone** em São Paulo é suficiente para perceber sua importância como fotógrafo. Nas paredes, retratos dos mais importantes brasileiros de todos os tempos: Fernanda Montenegro, Pelé, Niemeyer, Pelé, Gisele Bündchen... Nesta edição, Scavone ficou frente a frente com Maria Esther Bueno, a maior tenista brasileira da história. No final da sessão, ele não resistiu e bateu uma bola com a jogadora. "Posso riscar esse evento no meu caderninho."



Joyce Pascowitch começou na imprensa nos anos 1980. Foi para a *Folha de S.Paulo*, assumiu a página 2 da *Ilustrada* e fez história com sua coluna – social e política. Passou depois pela editora Globo, criou o site Glamurama e foi colunista da Globo News. Hoje comanda o grupo Glamurama, que, além do site, conta com as revistas *Joyce Pascowitch* e *Poder*. No início do ano, Joyce visitou o norte da Tailândia e conheceu de perto os célebres elefantes da região. O relato da viagem está na página 70.



VICTOR AFFARO

Quando trabalhava como repórter do canal Sportv, **Maria Clara Vergueiro**, já formada em ciências sociais, resolveu fazer faculdade de jornalismo. Foi parar na revista *Go Outside*, na qual ficou por quatro anos. Hoje, colabora com diversas publicações e dirige o segmento de livros da editora Rocky Mountain. Nesta edição, mergulhou no mundo do Ironman, prova que cobriu *in loco* duas vezes. "Sempre me arrepio com os relatos apaixonados dos atletas".



Há uma década, **Gerson Campos** escreve sobre o mundo das quatro rodas. Depois de passar pela rede Record, pela revista *Carro*, por assessorias de imprensa e pela *Folha de S.Paulo*, continua colaborando com diversos veículos do setor automotivo e abriu a Bufalos Produtora, que também versa sobre o universo do automóvel. É dele o texto sobre a mais recente novidade da gama Mitsubishi: a linha 2015 do Pajero Dakar.



THITO STRAMBI

Soteropolitano e arretado de nascença, paulistano de vivência, o fotógrafo **Murilo Mattos** foi diretor de arte de diversas agências de publicidade e design. Na fotografia, especializou-se nos esportes *outdoor*. Atualmente, suas lentes só têm tempo para clicar o que acontece nas pistas. Coube a ele registrar as duas primeiras etapas do Lancer Evo Day e do Fun Day. "Estar no Velo Città é a certeza de diversão e de grandes fotos", diz.

TODA A AVENTURA E A ADRENALINA DA MIT REVISTA AGORA NO TABLET



FAÇA JÁ O SEU

DOWNLOAD GRATUITO

NA APP STORE / GOOGLE PLAY

Acesse a loja de seu tablet ou smartphone e busque por **MIT Revista** no campo de pesquisa. Toque para instalar o aplicativo. Depois, entre em nossa banca digital e baixe a **MIT Revista**.

LEIA COM
FOTOS EXTRAS

**VÍDEOS DAS COMPETIÇÕES
ON & OFF ROAD**

NO TABLET E CELULAR



Baixe gratuitamente o aplicativo da MIT Revista para iOS e Android.

MITSUBISHIMOTORS.COM.BR/MITREVISTA



Maria Esther saca na grama
do West Side Tennis Club,
em Nova York, em 1959

O maior tenista brasileiro de todos os tempos, quem diria, é uma tenista. Maria Esther Bueno é a Rainha de Wimbledon, que ganhou três vezes sozinha

A número

1



Por **NIRLANDO BEIRÃO**
Retrato **MARCIO SCAVONE**



primeira vez que fui a Wimbledon, fui de metrô. Eram assim as coisas, naquela época. Eu pegava a minha malinha e a raquete, entrava sozinha no avião em Viracopos e desembarcava em Londres, ou em Roma, em Paris, na Austrália. Na minha primeira vez em Londres, tinha 18 anos e mal falava inglês. Entrei no metrô e quando cheguei à estação com aquela placa 'Wimbledon', eu me arrepiei. Olha só, me arrepio até hoje. Era como entrar num templo, numa catedral. Wimbledon é um torneio diferente de todos, tem a sua própria aura, aquela pompa, a família real sempre por lá. É tradição, é charme. O único torneio de Grand Slam disputado num clube particular. Eu tinha 18 anos, mas sabia que tudo o que tinha de fazer era jogar o meu jogo. Sempre foi assim, para mim: meu desafio era comigo mesma, não tinha a ver com a adversária ou com o público. Mas digo sem nenhuma pretensão: assim como Wimbledon era especial, eu sabia que meu estilo também era."

O maior tenista brasileiro de todos os tempos foi uma tenista. Maria Esther Bueno ganhou 19 torneios de Grand Slam, sendo que três vitórias solo no campeonato mais elegante do circuito: Wimbledon. Em sua estreia, naquele ano de 1958, já faturou um troféu: venceu em duplas com a americana Althea Gibson. Austrália, Roland Garros, US Open, Roma – ganhou em todos. Por três anos, foi a número 1 entre as meninas. Ficou na lista das *top ten*, entre 1958 e 1968. Alguém chegou a fazer a conta: 589 títulos, 170 fora do Brasil – e não importava o piso. Gustavo Kuerten, o Guga, venceu três vezes em Roland Garros. Chegou ao final de 2000 como líder do ranking. Tem 16 títulos de ATP – Associação de Tenistas Profissionais. O Brasil tem muito orgulho do Guga, nosso príncipe do saibro, mas grande mesmo foi Maria Bueno, a Estherzinha, soberana em todos os pisos.

“No meu tempo, não tinha escolha: a gente jogava simples, duplas, duplas mistas, o que fosse. Cheguei a jogar 20 horas num mesmo dia. Não havia patrocínio. Não se jogava pelo dinheiro, mas pelo privilégio de poder dizer: sou a melhor do mundo. E todo mundo queria ser a melhor do mundo. Ninguém chegava de jatinho particular para competir, com 80 raquetes e 20 uniformes. O melhor do mundo tinha de jogar saibro, quadra dura, grama. Hoje em dia, o sujeito só se especializa num piso. Os que não são bons em simples vão jogar dupla. Em compensação, tive o privilégio de jogar ao lado do Laver, do Emerson [os australianos Rod Laver e Roy Emerson foram dois gênios das quadras nos anos 1950

e 1960]. Metade da minha vida era dentro de um avião. A primeira vez que fui disputar na Austrália, a viagem levou 60 horas. Jato, só da Califórnia para frente. Fui pingando aqui e ali. De São Francisco para o Havaí, depois para o Taiti. Sessenta horas! As passagens eram caríssimas. Acabava ficando por lá até três meses, fazendo todo o circuito de tênis. Cheguei a pegar temperatura de 55 graus centígrados, 134 Fahrenheit. Não tinha banco para descansar. A gente ficava em pé entre uma e outra mudança de quadra. Um chapéu, um gelinho – era tudo o que tinha. Os homens jogando cinco sets. As mulheres, três. Sem tie-break. Quase sempre, eu ficava em casas de família. Era ótimo: a gente criava vínculos, voltava sempre, tinha a chave da porta. E pude aprender as línguas. Como eu sempre adorei bicho, me levavam para as reservas naturais, aquelas com cangurus. Tenho uma foto abraçada com um coala enorme. Ele tem aquelas garras longas e afiadas, mas é como uma criança, com jeito você o bota no colo, ele te abraça. Na África do Sul, também: ficava meses por lá, disputando torneios, hospedada em casas de família. E visitando bichos. Sempre tive paixão. Em minha casa em São Paulo cheguei a ter ao mesmo tempo dois cachorros, uma tartaruga, cinco Guinea pigs [porquinhos-da-índia] e um macaquinho. O macaquinho tinha roupa de tênis, uma saíinha de pregas com uma raquetinha bordada."

Muita gente não tem a menor ideia do fenômeno chamado Maria Bueno. Pior ainda é desconhecer, por trás daquela fachada reservada de moça fina e chique, avessa aos holofotes e à badalação, essa dimensão humana que ela aqui revela. Eu mesmo cheguei a escrever, na orelha de um livro de tênis, que "Maria Esther dá a impressão de estar em permanente litígio com as glórias do passado". Escrevi também que, no lube Harmonia, onde, com diária assiduidade, ela exercita seu maior amor, ela "se comporta como uma sombra que se esgueira pelas paredes tão logo sinta a aproximação de algum admirador com ranço saudosista – heroína relutante que é, de uma nação de memória curta e duvidoso *fair play*". Conversei agora com ela no Harmonia, numa manhã de sol primaveril. Aos 74 anos, Maria Esther já tinha jogado seu tênis de todos os dias. As pessoas passavam por ela e a saudavam efusivamente. Ela respondia em acenos carinhosos. Não há naquela figura esguia e elegante um pinga do ressentimento ou da mágoa que se poderia esperar de alguém a quem o tênis não recompensou no padrão que recompensa hoje seus grandes campeões.

"Tive uma vida muito boa, pelo tênis. Foi o tênis que me deu as oportunidades e as alegrias. Dinheiro, não. Mas prestígio, carinho, amor, sim. O que é melhor: ter muito dinheiro ou ser verbete da *Encyclopaedia Britannica*? Dinheiro ou almoçar com a rainha? Nunca me casei. Casei com o tênis. Tive audiências com monarcas e com papas. Aliás, as pessoas brincam comigo: poxa, você já sobreviveu a



Na quadra do clube Harmonia em São Paulo, onde, aos 74 anos, ainda joga diariamente

Durante embarque em São Paulo, em 1959. Abaixo, em 1967, com suas rivais e com o estilista Teddy Tinling, em Wimbledon

quantos papas? Sou sócia honorária de Wimbledon. É um clube fechado, as pessoas ficam décadas na fila para serem aceitas, podem ser black balled [passível de se receber bola preta] e, eles me deram essa distinção. Eu brinco: virei sócia do jeito mais fácil, né? Ganhando os torneios. Estou sempre lá: é meu clube, treino, almoço, ajudo a recepcionar no Royal Box [o camarote real]. Sou fascinada pela realeza. Conheço muita gente da família real. Cheguei a dar aulas para a Diana [princesa] e para os meninos [William e Harry]. Ela gostava muito de esporte, de ginástica, jogava direitinho. Digo 'os meninos' e, de repente, percebo que um dia um deles vai ser rei. O importante é criar um elo de confiança. Eles sabem que não vou tirar uma foto deles e postar no Facebook. O Royal Box é a oportunidade de conhecer gente importante. Recepionei Margaret Thatcher e o marido. Tomei chá com a Rowling, autora do Harry Potter. Fiquei impressionada com o carisma do Bill Clinton. Fui me apresentar e ele disse: 'Maria Bueno, of course I know you, I know what you did'. Tive vontade de responder: 'Também conheço você, sei o que você fez'. Como foi naquela época da Monica Lewinsky, preferi ficar calada. Ele me disse que estava vindo para o Brasil e me perguntou o que eu achava que ele, presidente dos Estados Unidos, devia fazer aqui" [ri].

Gustavo Kuerten já estava nas quadras disputando torneios juvenis, mas nunca tinha ouvido falar nela. Até que um amigo dele,

também tenista, o levou a um jantar de gala em Wimbledon, em 1993. Maria Bueno ganhou homenagem de supercampeã. A ficha caiu para Guga. "Para se motivar, um tenista precisa de ilusão, de fantasia", diz ele. "Quando soube de Maria Esther, percebi que eu não estava sozinho, que existia uma história atrás de mim e que eu poderia tentar resgatá-la. Então, eu era possível." Guga jamais teve a pretensão de se igualar a ela ("Nenhum tenista chegará à metade do que ela fez"), mas atribui a Maria Esther a lição número 1 para quem, como ele, também foi vitorioso. "Campeão é aquele que busca um jeito diferente de jogar. Foi o que ela fez, foi o que tentei fazer."

"Minhas maiores vitórias foram na grama, eu que aprendi a jogar em quadra de terra, no clube Tietê, em São Paulo. Não fazia o menor sentido. Fui autodidata. Aprendi comigo mesma, fiz o que achava melhor. Talento ninguém ensina. Desde cedo senti que eu era uma tenista especial. Não admitia que houvesse alguém melhor do que eu. Ninguém! Perdi torneios importantes, mas só pensava assim: ela não pode ser



AGÊNCIA ESTADO



Em 1960, aos 20 anos, Maria Esther posa com o troféu de seu segundo título em Wimbledon





Destaque na primeira página da Gazeta Esportiva e do Estado de S. Paulo de 5 de julho de 1959

AGÊNCIA ESTADO

KEYSTONE / GETTY IMAGES

melhor do que eu, eu é que joguei pior hoje. Eu era do tipo que quebrava raquetes.

Uma vez, fiquei furiosa e arremessei a raquete longe.

Não sabia que meu pai estava ali. Ele chegou e, com aquela delicadeza dele, me disse: 'Poxa, filha, não sabia que você era capaz de uma coisa dessas'. Me envergonhei. Foi pior do que um pito. Minha primeira vitória em torneio fora do Brasil foi em Roma – 17 aninhos. Naquele cenário todo de mármore do Foro Italico, construído pelo Mussolini. Eu já tinha um jogo diferente. Sacava, voleava, ia à rede. Na final, perdi o primeiro set, estava perdendo o segundo. Ganhei porque o público estava do meu lado. Terminada a partida, o Walter Chiari [galã e apresentador de TV] veio até mim e me deu uma rosa vermelha. Aquele meu primeiro ano de Europa, 1958, foi quando o Ted Tiling ficou sabendo de mim. Era todo temperamental, um artista. Me viu jogar, se encantou pelo meu tipo latino, pelo meu estilo. A maioria dos tenistas usava roupas feitas pelo Fred Perry, ex-campeão inglês. O Ted virou meu costureiro. Roupas de baile, para sair, nunca me deixava repetir. E para a quadra. A gente jogava de branco, em Wimbledon, mas ele sempre conseguia botar um detalhezinho aqui ou ali. Ficou famoso um saio meu que ele chamou de shocking pink. Por fora, todo branco. Mas o forro era rosa-choque. Quando comecei a sacar, o pessoal que estava na arquibancada de trás gritava uaaaaau! No outro lado, nin-

guém entendia nada. fosse bailarina. Olho todos os movimentos com harmonia. Desconfio que fui, sim, bailarina em outro lugar."

"Golpes arredondados e geniais... um tênis neobarroco", extasiou-se o crítico italiano Gianni Clerici. "Ela planava sobre a quadra", define o treinador brasileiro Roberto Marcher. "Juntava a delicadeza de virtuose a uma feroz determinação", diz Luís Felipe Tavares, ex-Copa Davis pelo Brasil. Se Maria Esther tivesse de escolher o jogo de sua vida, escolheria a vitória da superação: final de Wimbledon, 1964. A bicampeã de 1959 e 1960 ia encarar a fera chamada Margaret Court, campeã do ano anterior. A australiana tinha 1,80 metro (Estherzinha, 1,69). Margaret fazia dieta balanceada, puxava ferro em academia. Por culpa de uma apendicite complicada, Maria Esther tinha ficado parada um ano. De cama. Foram para o jogo e, em três sets, Maria Esther venceu. A carreira dela foi interrompida muitas vezes. Chegou a ficar sete anos sem jogar (um médico disse que ela jamais conseguiria movimentar a mão direita). O repertório clínico e ortopédico dela não tem fim. Foram 15 cirurgias. "Sou um cyborg", brinca. Mas Maria Esther não desistiu. Não é de desistir. Não quis viver de nostalgia. Quando voltou da primeira vitória de simples, em Wimbledon, em 1959, no rescaldo da vitória da Copa de 1958, em



BORIS15 / SHUTTERSTOCK

meio àquela euforia da era Juscelino, deu um chá de cadeira no presidente. Era tão famosa que uma daquelas antigas gincanas de TV pediu que os participantes levassem até o auditório um corvo branco... e Maria Esther Bueno. Quando o general De Gaulle veio ao Brasil, em 1964, ligaram do Palácio do Bandeirantes: o cerimonial francês exigia a presença dela na recepção do Jockey Club. E lá foi Estherzinha, pilotada pelo irmão Pedro e protegida do assédio no banco de trás, agachada, com um cobertor por cima. A SporTV recrutou-a recentemente para seu time de comentaristas. Ela está adorando. “As novas gerações pelo menos vão conhecer minha voz”, ironiza.

ARQUIVO O GLOBO

Da leveza de Maria Esther para a força de Craig Alexander, tricampeão do Ironman, nossa próxima parada

02

ESPORTE

CHRIS STEWART / GLOW IMAGES

THOMAS STEWART / CLOW IMAGES